

Editorial

Editorial / Editorial

“Amazônia do Norte da Pátria! Mais bandeira para o nosso Brasil!”

Este verso é do hino de Roraima, o estado mais setentrional do Brasil. Surgiu como Território Federal do Rio Branco em 1943, desmembrado do Estado do Amazonas. Em 1962, ganhou a denominação de Roraima, ainda administrada como território, para tornar-se uma Unidade Federativa em 1988 com a aprovação da atual Constituição.

A proposta de um plano diretor para uma nova capital, Boa Vista, com traçado urbano radial de autoria de Darcy Aleixo Derenusson, implantada entre 1944-1946,¹ é um dos marcos da modernização e incorporação de uma periferia territorial do país. Dos 36.464 habitantes estimados em 1970, a cidade cresceu para 399.213 pessoas em 2019, segundo estimativas do IBGE.

Se o plano de Derenusson assinala uma Amazônia Moderna na década de 1940, os edifícios públicos a partir dos anos 1970 inserem Boa Vista na modernidade brasileira em cenário ainda desconhecido. Roraima apresenta importantes obras institucionais realizadas por migrantes, peregrinos e nômades na ocupação do então Território Federal. Os exemplares arquitetônicos modernos e contemporâneos – ainda em reconhecimento – expõem as particularidades regionais e os diálogos com a produção nacional de maneira mais ampla.

Nessa paisagem, entre os dias 20 e 22 de agosto de 2019 Boa Vista recebeu o IV SAMA – Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, na Universidade Federal de Roraima - UFRR. O evento itinerante foi organizado pelo Curso de Arquitetura da UFRR com o apoio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/RR, do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/RR, do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - CREA/RR, da Caixa de Assistência dos Profissionais do CREA - Mútua/RR, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-RR e do DOCOMOMO Brasil.

1 TREVISAN, Ricardo; FICHER, Sylvia; DERENUSSON, Isabella de Carvalho; DERENUSSON, Darcy Romero. Darcy Aleixo Derenusson. O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista – RR. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 212.03, Vitruvius, jan. 2018 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6864>>.

Nesses dias, o grande auditório do Centro Amazônico de Fronteiras, no campus da UFRR, abrigou exposições, conferências, mesas redondas e lançamento de publicações com a presença de pesquisadores convidados, estudantes e público em geral, bem como foi o ponto de partida para o SAMA Tour com visitas às obras icônicas da arquitetura moderna. A Exposição de Arquitetura Contemporânea da Amazônia – XAMA – ocupou o Foyer do Teatro Municipal de Boa Vista e brindou os participantes do seminário com 30 obras realizadas na Amazônia Legal entre os anos de 1987 e 2017. Boa Vista é quinta capital da Amazônia Legal a apresentar essa exposição.

A quarta edição da Revista Amazônia Moderna é a primeira publicação de caráter monográfico dedicada à arquitetura e urbanismo de Roraima.

Abrindo a edição, Requalificação da Orla do Rio Branco, Boa Vista, de Jefferson Eduardo da Silva Morales, Georgia Patricia da Silva Ferko e Graciete Guerra da Costa, discorrem sobre a ocupação das margens do Rio Branco e analisam as intervenções sofridas no século 21 no local; O Lugar do Centro de Boa Vista, de Ayana Dantas de Medeiros e Graciete Guerra da Costa, dissertam sobre o valor das edificações na área central da capital, relacionando com a «condição de centro» do patrimônio nos processos de urbanização; o panorama arquitetônico do Estado é trabalhado em Arquitetos pioneiros na construção do Estado de Roraima: décadas de 1980 e 1990, de Angélica P. Triani, Ohana P. Silva e Paulina O. Ramalho. A pesquisa expõe uma síntese da produção arquitetônica regional com ênfase nas duas últimas décadas do século 20 – período que, segundo as autoras, é elaborada uma arquitetura moderna dissonante temporalmente do mainstream da arquitetura moderna brasileira.

O arquiteto Severiano Porto tem sua obra roraimense inventariada em Arquitetura moderna em Roraima: obras de Severiano Mário Porto, de Cláudia Helena Campos Nascimento, Rayele Silva da Rocha e Neiliany Beatriz Neubert de Melo. No trabalho, as autoras mostram a diversidade dos programas e soluções da arquitetura desenvolvida por Porto no Estado.

Os dois últimos artigos encerram a edição tratando do Parque Anauá do arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto. Em Projetos para o Parque Anauá, Boa Vista, Cláudia Helena Campos Nascimento, Cibele Campos Aragão da Paz, Rafaela Cristina Sander, Suellen Cristina da Silva Almeida e Rayresson Lima da Rocha fazem um histórico do concurso urbanístico e arquitetônico do Parque e comparam as duas proposições apresentadas,. Utilizando o redesenho como método para «reconstrução» dos projetos, as autoras retomam a discussão em torno do parque para os dias atuais. O Parque Anauá sob uma análise multifuncional no contexto urbano de Boa Vista, de Angélica P. Triani, Cibele C. A. Paz, Paulina O. Ramalho e Kelly C. R. Oliveira, analisam a materialidade das obras do parque e a relação do espaço público, do homem e da natureza.

A revista Projeto publicou em 1988² o Parque Anauá, do arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto, objeto da Carta do IV SAMA, para a preservação desse patrimônio em risco. A carta assinada pelos participantes do seminário pede atenção ao edifício Museu Integrado de Roraima – MIRR, um dos equipamentos do projeto original do Parque, em estado de abandono e em perigo desabamento.

2 PARQUE Anauá [Boa Vista, Roraima/projeto Otacílio Teixeira. Projeto, São Paulo, n. 114, s.p., nov. 1988; também em SEGAWA, Hugo (Org.). Arquiteturas no Brasil/década de 80. São Paulo: Projeto, 1988, p. A-8–A-9.

A edição foi preparada em um ano particular para Roraima e sua capital. Em 2019 as manchetes dos jornais brasileiros observam a crise humanitária da Venezuela, com o protagonismo de Roraima como Estado fronteiro que mais acolhe os venezuelanos, conectado ao país vizinho pela BR-174. Esta imigração massiva traz dificuldades à já limitada infraestrutura do Estado, que os noticiários registram como momentos de tensão e conflitos. Em contrapartida os roraimenses implantam, com apoio do Exército e organizações não-governamentais, alojamentos e um intenso programa de voluntariado civil, incluindo estudantes de arquitetura da Universidade Federal de Roraima. E nesse momento de dificuldade, para além das fronteiras arquitetônicas, a Amazônia do Norte se solidariza e faz brilhar a sua estrela.